

João Paulo Borges Coelho (2008).
Hinyambaan.
Lisboa: Editorial Caminho.

João Paulo Borges Coelho nasceu no Porto, em 1955, mas foi levado pelos pais para Moçambique ainda bebé. Assume-se, também por isso, como moçambicano. Doutorado em História Económica e Social pela Universidade de Bradford (Reino Unido), é docente na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, onde ensina e investiga história contemporânea de Moçambique.

Lançou o seu primeiro livro, *As Duas Sombras do Rio* (romance), em 2003. Em 2005, com *As Visitas do Dr. Valdez* (romance, 2004), ganhou a edição do prémio literário José Craveirinha. Desde o início tem publicado um livro por ano: *Índicos Indícios* (2005), composto por *I – Setentrião* (contos) e *II- Meridião* (contos); *Crónica da Rua 513.2* (romance, 2006); *Campo de Trânsito* (romance, 2007) e *Hinyambaan* (novela burlesca, 2008).

A sua escrita literária é marcada pelo casamento entre os conhecimentos históricos e a criatividade com que olha a realidade (presente ou passada) de Moçambique. Assim, apesar de a preocupação histórica estar sempre presente, a sua ficção vem trazer frescura, concisão e enriquecimento à literatura moçambicana contemporânea.

No que concerne a *Hinyambaan*, primeira novela publicada pelo autor, a trama incide nas temáticas das relações entre sul-africanos (brancos) e moçambicanos; nas relações sociais; na ligação entre ruralidade e urbanidade e no contacto entre culturas. O pretexto para se abordarem sumariamente estas temáticas é o da viagem. É através da viagem de férias que a família de bóeres Odendaal realiza a partir da África do Sul até Inhambane que se vão revelando os vários choques culturais. Ao longo do percurso da fronteira até à costa índica, esta família, sobretudo os pais, Hermann e Henrieta, vai sofrendo uma mutação em relação à análise da realidade que vai descobrindo. De um Herman preconceituoso, que analisa a realidade moçambicana pela visão que o seu

amigo habitual de férias, du Plessis, lhe impingira, passamos, na última parte, a um Herman mais tolerante, que facilmente se integra nos costumes locais, valorizando-os. Quanto a Henrieta, ela representa a perspicácia, facilmente percebendo que a recusa dos amigos du Plessis em passarem as férias com eles, como era habitual, se deve a uma necessidade de se desvincularem dos amigos de classe média, agora que os du Plessis atingiram já um patamar socioeconómico superior. No final, num desfecho irónico, confirmam-se as suspeitas da mulher, ao encontrarem, por acaso, na chegada a Inhambane, o casal du Plessis, à espera da roda do atrelado trazida pelo jovem Djika-Djika, a quem os Odeendaal deram boleia a partir de metade do percurso. Henrieta é, ainda, a personagem branca que mostra mais condescendência com as limitações das povoações moçambicanas por onde passam e que melhor e mais rapidamente se integra na nova realidade.

Os filhos, por sua vez, apresentam-se como personagens planas. Hannah, a filha mais velha, limita-se, de forma alienada, a ouvir música através dos seus «*headphones* colados aos ouvidos» (Coelho, 2008: 12), abstraindo-se da realidade. Pelo contrário, o pequeno Hendrick está mais desperto e curioso em relação ao que vai acontecendo, integrando-se facilmente na nova realidade, chegando a comentar e a corrigir a pronúncia dos pais em relação aos novos nomes que vão surgindo, como Inhambane em vez de «Hinyambaan», Maputo em vez de «Mapiutou», por exemplo.

No entanto, a *personagem-motor* da novela é o moçambicano Djika-Djika. Ajuda, de forma irrealista, a família sul-africana a livrar-se de um controlo da polícia e aproveita para, em contrapartida, pedir-lhe boleia. Num Corolla e respectivo atrelado apinhados de objectos não é fácil concretizar o pedido do jovem, mas a viagem prossegue até ao momento em que Djika-Djika consegue inesperadamente que os Odeendaal façam um desvio do seu percurso e o acompanhem, por caminhos sinuosos de terra batida, à casa dos seus familiares. É nesse momento da narrativa que se dá a verdadeira inter-relação entre os estrangeiros e os locais. No início o convívio não é fácil para os *outsiders*, por causa da estranheza que causam outros costumes, mas graças ao convívio proporcionado pelo jantar, a integração e a partilha acabam por se concretizar.

Djika-Djika desempenha, desde o início, o papel de tradutor. Um tradutor não só linguístico, mas sobretudo cultural. Um tradutor sobre a realidade moçambicana e entre a urbanidade e a ruralidade – que, no fundo, é esse o fosso maior entre as duas famílias em convívio.

João Paulo Borges Coelho mostra neste livro a sua capacidade de concisão, quer narrativa quer estilística, em que numa viagem realizada em pouco mais de 24 horas se afloram, nas entrelinhas, questões como as da convivência entre países vizinhos com economias diferentes, mas ambos com problemas: se num há dificuldades económicas, vias de comunicação precárias, corrupção policial, etc.; noutra há igualmente problemas sociais, xenofobia e violência.

A subcaracterização genológica do livro, enquanto novela burlesca, levanta no entanto algumas questões. É certo que a narrativa apresenta alguns momentos de burlesco, sobretudo a partir do momento em que intervém o jovem Djika-Djika, com o seu carácter astucioso e expedito. No entanto, esses momentos não parecem ser suficientes para classificar esta narrativa de «burlesca», no sentido clássico do termo. O desfecho da novela, por exemplo, tem bem mais de irónico do que de burlesco e coloca a tónica na precariedade das amizades.

Finalmente, realce-se a oportunidade desta novela numa altura em que continuam as relações tensas entre os sul-africanos e os imigrantes dos países vizinhos. Nesta narrativa parece mostrar-se que os países do Sul têm a ganhar se souberem conviver nas diferenças, aproveitando-as para enriquecimento cultural.

Lola Geraldine Xavier.